

MOACYR SCLiar: CAVALOS E OBELISCOS – ESTUDO SOCIOLÓGICO A PARTIR DE LUCIEN GOLDMANN

ENRIQUETA GRACIELA D. DE CUARTAS*

RESUMO

Análise da obra de Moacyr Scliar *Cavalos e obeliscos* a partir da teoria sociológica de Lucien Goldmann.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infanto-juvenil – Scliar, M. Scliar, M. – *Cavalos e obeliscos* – Visão de mundo, Goldmann – Sociologia – Literatura

No desenvolvimento da sociologia do romance, percebe-se nas reflexões teóricas uma linha de influência que inicia com o pensamento de Hegel, perpassa o pensamento de Georg Lukács e avança na sociologia de Lucien Goldmann. As considerações de Lukács expressam os primeiros esforços na tentativa de estabelecer uma sociologia do romance. Nessa linha, o pensamento de Lucien Goldmann, inspirado nas noções formuladas pelo antecessor, estabelece um conjunto de princípios de caráter eminentemente sociológico, o qual permite analisar o romance sem utilizar o esquema de progressão dos gêneros literários, que, antes dele, mostrara-se útil para as elaborações de Hegel e Lukács.

O método sociológico de Goldmann considera essencial pensar as relações entre o discurso romanesco e a realidade social. Considera que a literatura expressa uma visão de mundo, isto é, sistematiza uma ordem de pensamento grupal. Literatura e filosofia são, para o teórico, em planos diferentes, *expressões de uma visão de mundo*, e as *visões do mundo* não são fatos individuais, mas sim fatos sociais. Visão de mundo

é um ponto de vista *coerente e unitário sobre o conjunto da realidade*. Ora, o pensamento dos indivíduos – com pequenas exceções – é raramente coerente e unitário. Submetido a uma infinidade de influências sofrendo a ação não somente dos mais diversos meios como também da constituição fisiológica no mais amplo sentido, o pensamento e o modo de sentir dos indivíduos se aproximam sempre mais ou menos de uma certa coerência,

mas não a atingem senão excepcionalmente (Goldmann,1979, p. 73)¹.

Goldmann esclarece a necessidade de ter presente que o artista não copia realidades; suas obras alcançam a autonomia de um mundo vivo. O escritor é um homem que encontra uma forma adequada para criar e expressar um universo concreto de seres e coisas. Pode ocorrer, entretanto, uma defasagem maior ou menor entre as intenções conscientes, as idéias filosóficas, literárias ou políticas do escritor e a maneira pela qual ele vê e sente o universo que cria. Nesse caso, as intenções conscientes podem desmerecer o valor estético (GOLDMANN, 1979, p. 75). O valor estético é sempre o critério fundamental. Em todos os casos, a tarefa do historiador dialético é explicitar, através de uma análise imanente (da própria obra), a significação objetiva da obra, significação que é a única, que ele pode, em seguida, tentar relacionar com os fatores econômicos, sociais e culturais da época. Ao escritor cabe elaborar de forma discursiva os elementos considerados essenciais em sua época e captar as transformações que nela se percebem. Em última instância, trata-se do comprometimento entre obra e tempo de produção. Para investigar o caráter grupal da visão de mundo, Goldmann aponta a existência de estruturas esquemáticas que evidenciam o pensamento de cunho coletivo e os tipos de influências que podem exercer. Aunando essas idéias aos preceitos de Lukács, pressupõe a existência de uma *homologia* entre as estruturas do texto romanesco e a sociedade, significando um processo de troca entre forma literária do romance e relações estabelecidas entre os homens e a vida cotidiana, entre si e com os bens de produção em geral.

A partir dos conceitos acima enunciados, este trabalho visa a aplicar a teoria sociológica de Lucien Goldmann à obra *Cavalos e obeliscos*, de Moacyr Scliar, buscando estabelecer através desse autor a relação obra-contexto.

Scliar é um dos escritores respeitados no panorama literário brasileiro. Destaca-se não apenas pelas várias obras publicadas, mas, sobretudo, pelo estilo pessoal e pela temática de característica predominantemente judaica e gaúcha apresentada na maioria de suas obras. Compartilha a vocação de escritor com a profissão de médico. Escreve para revistas e jornais no país e no exterior e tem mais de trinta livros publicados, entre contos, romances, crônicas, ensaios, vários

* Professora do Departamento de Biblioteconomia e História – FURG; Bacharel em Biblioteconomia; Mestre em Letras. E-mail: egc@mikrus.com.br

¹ GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

deles traduzidos para línguas diversas. Recebeu distinções literárias, os prêmios Brasília, Guimarães Rosa e Casa de las Américas.

Moacyr Scliar incursionou na literatura dedicada aos jovens, e nesse âmbito publicou dezoito obras. *Cavalos e obeliscos* (1981), *A festa no castelo* (1987), *No caminho dos sonhos* (1988), *O tio que flutuava* (1988), *Introdução à prática amorosa* (1988), *Os cavalos da república* (1989), *Pra você eu conto* (1991), *Um país chamado infância* (1993), *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar* (1994), *Uma história só pra mim* (1994), *O sonho no caroço do abacate* (1995), *Rio Grande farroupilha* (1995), *Câmara na mão, O Guarani no coração* (1998), *A colina dos suspiros* (1999), *O mistério da casa verde* (2000), *Ataque ao comando P. Q* (2001). *Éden Brasil* (2002) e *O irmão que veio de longe* (2002) são os últimos lançamentos, em que os temas exploram os índios e a natureza, sendo o primeiro considerado também para adultos pelo seu estilo versátil, no limite de garotos e adultos, conforme as palavras de Patrícia Rocha (2002).²

Busca-se, em particular, analisar o tratamento dado na obra de Scliar à tradição sul-rio-grandense, na medida em que sua relação com a cultura gaúcha elucidará a visão de mundo, a realidade sobre a qual o texto literário se refere.

A história inicia em Potreiros, cidade do interior do Rio Grande do Sul, onde vive Ernesto, jovem que dava asas à imaginação ao ouvir os relatos do pai acerca das revoluções gaúchas e de seus heróis, entre os quais encontrava-se o Coronel Picucha, seu avô, que combatera na Revolução de 23 e desaparecera misteriosamente. As histórias de suas façanhas incendiavam a imaginação de Ernesto, que escreve tendo como herói principal de sua obra o próprio Picucha. Suas histórias enviadas ao Rio de Janeiro pela mãe, viúva, grande admiradora dos escritos de seu filho, são selecionadas para serem apresentadas na televisão, e o jovem parte para o encontro com o produtor de TV. No primeiro capítulo, é possível perceber algumas características da sociedade interiorana, através dos diálogos com professora, diretor e colegas. Contatos permeados de forte emoção, em que o triunfo de Ernesto é o triunfo de todos, pessoas simples, de uma escola humilde. Destacam-se os valores familiares, a gratidão, a homenagem ao pai no cemitério, a dor da separação, a despedida da namorada – relacionamento ingênuo, discreto, respeitoso. Percebe-se também a repercussão na cidade e o sentimento de orgulho gaúcho:

² ROCHA, Patrícia. Scliar lança “Éden Brasil”. *Zero Hora*, Porto Alegre, 11 jun. 2002. Segundo Caderno, p. 6.

Abraçaram-se chorando e rindo. Logo em seguida os vizinhos invadiam a casa: a notícia se espalhou, todos queriam cumprimentar Ernesto. E, mais tarde, naquele mesmo dia, ele foi levado à Câmara de Vereadores: situação e oposição queriam homenageá-lo. (p. 12)

– Na Revolução de 1930, os gaúchos amarraram seus cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. E agora o nosso Ernesto vai amarrar o cavalo de sua literatura nas antenas da televisão! (p. 12)

Nas primeiras linhas já se delinea a temática gaúcha com um intertexto do escritor Érico Veríssimo, lido pela professora, acerca da revolução de 1893, que se repete à p. 43, quando da ira de Ernesto ao descobrir a trama que o enganou.

A viagem para o Rio, saindo da pequena cidade pela primeira vez, deixa o adolescente de dezessete anos ansioso pela preocupação de cometer alguma gafe, o que realmente ocorre, demonstrando a ingenuidade e inexperiência de Ernesto, moço do interior, em contraposição às atitudes astuciosas das personagens da cidade grande: primeiramente Cíntia, durante a viagem; Picucha e o produtor de TV, no Rio. A estrutura interna da obra nos mostra um universo em que Ernesto e Mário Picucha, representantes de duas realidades diferentes, são personagens opostos com relação aos valores que regem suas consciências. A história de um é o contraponto do outro, suas perspectivas de vida são diferentes. Ernesto aguarda o sucesso, e a esperança é seu *leitmotiv*; Picucha é o gaúcho aventureiro, “o gaudério”, o herói degradado, o homem do interior desadaptado e anulado pela sociedade de consumo, o homem em decadência que vive das aventuras do passado, sem mais esperança que a luta miserável pela sobrevivência. Embora opostos, mantêm uma relação dialética constituída pela admiração ao passado histórico do Rio Grande do Sul e pelo afeto e emoção do reencontro avô-herói-neto, em parte desmistificado no decorrer da história. Entretanto, deve-se considerar as tensões existentes. O avô-herói é também o avô-espertalhão, e à dúvida avô-verdade ou avô-mentira, que corrói a inocência adolescente de Ernesto, agrega-se a relação Cíntia-amiga, Cíntia-falsa, Cíntia corrompida por fama e dinheiro; Cíntia e Picucha unidos no engano.

Assim como contrastam as personalidades do interior e da cidade, também contrastam os meios rural e urbano, em franca oposição através de atitudes e descrições como:

O que importa é que está no Rio, o lugar onde se vive – e é isto o que ele quer, *viver*. Viver como sempre imaginou que um escritor devesse

viver, numa grande cidade, cercado de intelectuais, indo a bares freqüentados por gente famosa. (p.18)

... a vastidão do campo, o formigueiro da cidade.

O porteiro vem-lhe ao encontro, quer pegar a mala, Ernesto surpreso e assustado não deixa, o porteiro insiste, lutam, o homem acaba desistindo e volta ao seu lugar, na entrada do hotel, com uma expressão de irônico enfado no rosto. (p.18-19)

No meio urbano, a favela reflete a degradação do Coronel Picucha no Rio, frente à paisagem maravilhosa do local. Na sua tristeza expressa:

– Isto aqui não é o Rio dos cartões postais...

– Aqui não tem vista para o mar, a gente não pode ficar olhando para o horizonte, do alto de um belo edifício, fazendode conta que não mora no Brasil. (p. 45)

A análise sociológica vai demonstrando a realidade histórica e social que se expressa na sensibilidade individual do autor. Assim, há, associados aos costumes gaúchos, a malícia, a ironia e o fino humor, em situações como as do penúltimo exemplo (p. 18-19) ou na passagem em que o Coronel Picucha relata suas aventuras de guerra:

– Eles vieram com essa novidade: um avião...Lacei o bicho, sim senhor, quando ele vinha para cima de nós em vôo rasante. (p28)

– Lá no Rio Grande eu só fumava palheiro– disse à guisa de explicação. Mas aqui no Rio as coisas são diferentes. Aqui, se eu fumar palheiro, vão ficar me olhando. E se eu usar bombachas, ou poncho, me botam no hospício. (p. 32)

A realidade histórica, social e política apresenta ainda, através da fala do Coronel Picucha, a oposição entre brasileiros e castelhanos, o Rio Grande do Sul contra os chimangos de Borges de Medeiros, comparação entre gaúchos e cariocas, sempre favorável aos primeiros, elogios a Getúlio Vargas e à passagem que dá título à novela, na qual os gaúchos, simbolicamente, amarraram seus cavalos ao obelisco da Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro.

Os cariocas são gente muito matreira...(p. 30)

Tu achas que eles vão mostrar na TV os gaúchos amarrando os cavalos no obelisco? (p. 31)

Os cariocas conseguiram me atirar num subúrbio... (p. 33)

– Cariocas – murmurou o velho – Olham a gente de cima. Vontade tinha eu de cortar um a relho... (p.33)

Não liga, disse o velho, procurando a chave. Esse pessoal é muito debochado, esses cariocas. (p. 45)

Segundo Zilberman (1986, p. 81), os protagonistas são gaúchos frustrados, educados segundo modelos de um passado de glórias, no qual se destaca a imagem do homem que vive no campo como modelo do exercício da justiça e desempenho aventureiro. Ao se defrontarem com a realidade, ocorre o desencanto e a paralisia das personagens.

Picucha encontra a morte, atropelado por um carro, usando de sua astúcia para que Ernesto possa sair do hotel sem pagar, e este declina a carreira literária, retorna à sua cidade, dedicando-se à vida doméstica, abandonando as histórias do passado. Ernesto compreendeu que o mundo mudou, o passado não serve nem para a televisão, pois são necessárias “adaptações” (p. 36). O neto do coronel Picucha, o escritor de futuro promissor, prefere olhar a novela e dormir, sonhando com cavalos e obeliscos (p. 60). O passado acabou definitivamente.

Em conformidade com Goldmann, poder-se-ia dizer que a preservação de alguns conceitos relacionados com a tradição e a história do Rio Grande do Sul caracteriza o texto como a leitura de uma época ou de uma sociedade; a homologia da vida social sobre a vida literária; o produto de um escritor submetido a situações históricas definidas, a partir das quais se desenvolve a ficcionalidade, tendo em vista valores qualitativos, apesar da sociedade degradada pelo mercado.

BIBLIOGRAFIA

GOLDMANN, Lucien. Materialismo dialético e história da literatura. In: _____. *Dialética e cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 71-90

_____. O estruturalismo genético em sociologia da literatura. In: _____. *Literatura e sociedade: problemas de metodologia em sociologia da literatura*. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1978. p. 275-300.

_____. O teatro de Genet - ensaio de estudo sociológico. In: _____. *Sociologia da literatura*. Lisboa: Presença, 1980. p.11-48.

_____. *A sociologia do romance*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 223p. (Literatura e Teoria Literária, v. 7).

SANTOS, Pedro Brum. *Teorias do romance: relações entre ficção e história*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1996. 85p.

SCLIAR, Moacyr. *Cavalos e obeliscos*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. 60p. (Novelas, 4).

ZILBERMAN, Regina. *Roteiro de uma literatura singular*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992. 86p. (Síntese Rio-Grandense, 6).